

## A “Regra da Vida Virtuosa” de São Martinho de Dume

Prof. Dr. Maria de Lourdes Sirgado Ganho

Universidade Católica Portuguesa  
[mlsirgadoanho@gmail.com](mailto:mlsirgadoanho@gmail.com)

### Resumo:

A nossa reflexão sobre São Martinho de Dume centra-se no seu opúsculo moral intitulado *Regra da Vida Virtuosa*. Nesse sentido, interpretamos esta obra, que trata das quatro virtudes cardeais, como a obra de um monge, de um cristão, que tendo como mentor Séneca, nos apresenta uma reflexão moral, pois trata-se de dar conselhos / regras e, ao mesmo tempo, mostrar como a política aí se pode inscrever. Assim sendo, também a podemos compreender como um *espelho de reis*. Salientamos, ainda, que São Martinho, no século VI, marcou o início da cultura portuguesa.

Palavras-chave: São Martinho de Dume – Virtudes Cardeais – Ética – Espelho de Reis – Séneca – Cristianismo

### Abstract:

Our reflection focuses on the moral work titled *Formula Vitae Honestae*. Therefore, we interpret this work which deals with the four cardinal virtues, as the work of a monk, a Christian who tries to give advices / rules, in an ethical point of view. His mentor is Seneca. At the same time, we shall show how the policy can be found there, being understood as a mirror of kings. We are, therefore, faced with a personality that marked the sixth century and the Portuguese culture at its roots, in a practical way.

Keywords: Martin of Dume (saint) – Cardinal Virtues – Ethics – Mirror of Kings – Seneca – Christianity

São Martinho de Dume, originário da Panónia (atual Hungria), ou filho de panónios, conforme refere no epitáfio por si preparado, teve certamente uma educação romana cristã, que levou a que viesse para a península ibérica, mais propriamente para a zona da Galécia, que seria mais tarde a região que deu origem à constituição da nacionalidade portuguesa, no século XII. O seu nome, devido à sua ação cristã e reformadora, ficou estritamente ligado a esta zona da Galécia, bem como à cultura portuguesa, sendo considerado uma das figuras cimeiras das raízes do pensamento português.

São Gregório de Tours na “Historia Francorum”, bem como Santo Isidoro de Sevilha no “De Viribus Illustribus”, apresentaram uma curta biografia deste santo, que considerou São Martinho de Tours o modelo a seguir. Tal como este último, São Martinho colocou os seus monges ao serviço concreto da comunidade cristã (Matoso 1982: 350).

Estamos perante uma figura marcante do século VI, na região da Galécia, cuja obra diversificada permite traçar o seu perfil de humanista, de latinista, de apóstolo e de missionário. Homem com grandes aspirações espirituais, na sua obra estão patentes as suas subtis análises de caráter psicológico, bem como e sobretudo, de pendor moral. É, efetivamente a moral que permite qualificar a sua obra, distinguindo-o como homem de ação, pois, sem dúvida o santo está na origem da reforma moral e religiosa levada a cabo no seio da sociedade sueva. Nesse sentido, moral, espírito reformador e intenção política são facetas que ressaltam na sua obra.

Esta afirmação tem o seu fundamento no facto de ser responsável pela conversão dos suevos, que eram arianos, ao cristianismo romano. Segundo Claude Barlow (1969), ele é um dos “Iberian Fathers”, assim como o apóstolo dos suevos, tendo adquirido um grande prestígio que ainda hoje é recordado e valorizado.

Sendo um cristão, com intuítos reformadores, a ética impõe-se como uma matriz do seu pensamento. Contudo, entre as diferentes éticas da Antiguidade Clássica, a moral estoica é aquela que permite uma apropriação por parte do cristianismo, devido à sua austeridade e contenção, bem como pela facilidade de ser adaptada aos preceitos da religião cristã. Neste contexto, destaca-se, no domínio da moral estoica o pensamento de Séneca, cuja obra tem um pendor moral e religioso, sem preocupações demasiadamente especulativas. Tal era também o escopo de São Martinho de Dume, que estava preocupado em argumentar em termos éticos, com a finalidade de submeter as paixões humanas às regras da razão humana, com o intuito de valorizar o elemento espiritual, responsável pela elevação da alma de cada um.

Assim sendo, São Martinho encontra em Séneca, no que diz respeito a essa necessidade de fundamentação moral, a fonte que lhe permite atingir os seu objetivos, a seguir enunciados. Fundamental, do ponto de vista moral, a vida quotidiana, através de um conjunto de regras, ou seja, formulas espirituais marcadas pela excelência espiritual a que chamamos virtudes.

As virtudes, de facto, enquanto princípios que orientam a ação humana segundo o exercício da razão natural, permitem o exercício do viver bem, relativamente a si mesmo e á sociedade. Este um desígnio a conquistar. Deste modo, através de uma valorização das virtudes, enquanto hábito de moralidade, o homem, se agir de um modo sábio e bom, no contexto de um espírito de mediania, de equilíbrio e de discrição, tem a possibilidade de se realizar como ser espiritual e, nesse sentido, de realizar em si a humanidade.

Como já foi mencionado, a sua obra é muito diversificada, pois podemos distinguir: obras de caráter ascético-moral, obras canónico-litúrgicas, poesias e cartas. É

a primeira categoria das suas obras que mais nos interessa, pois a *Regra da Vida Virtuosa* inscreve-se precisamente aqui. A marca de Sêneca é evidente.

### A “Regra da Vida Virtuosa”

Em latim esta obra intitula-se *Formula Vitae Honestae*, e é um opúsculo moral que decorre da necessidade de ação e de reforma social. Podemos considerá-la o seu *ex-libris*, do ponto de vista moral e político. Veremos mais adiante porquê. Não irei fazer referência ao facto de ter sido atribuída a Sêneca, pois Claude Barlow (1950), com a sua edição da obra de São Martinho de Dume, já clarificou devidamente esta questão<sup>1</sup>.

Mas, então, qual a importância desta obra? Podemos encontrar duas razões principais: em primeiro lugar por ser um pequeno tratado de filosofia moral, em segundo por ser também um *speculum regum*. Esta obra, com efeito, apresenta uma exposição dos preceitos necessários para o homem se tornar uma pessoa de bem. A obra, que o santo aqui apresenta, colocava-a de um modo muito concreto ao serviço do Rei Miro, Rei dos Suevos, a quem dedica o opúsculo.

Numa breve referência á estrutura da obra, podemos identificar três partes: A dedicatória ao rei Miro, a tematização das quatro virtudes cardeais, a muito breve conclusão.

Começando pela dedicatória diz-nos o Santo: “Martinho, humilde bispo, para o rei Miro, gloriosíssimo e sereníssimo, detentor de grande piedade e insigne na fé católica” (Martinho de Dume 1998: 29). Esta dedicatória ao rei dos Suevos tinha como intenção uma finalidade, não teórica, mas sobretudo prática, onde avulta a responsabilidade moral e política. Tratava-se de pôr ao serviço do Rei, bem como da sua corte e mesmo do seu reino, portanto abrangendo, ainda que indiretamente, o povo, um pequeno manual, um guia que orientasse a ação quotidiana e política dos sujeitos. O Rei e sobretudo a sua nobreza devem possuir as regras, os princípios, que lhes permitirão governar sem desligar a ética da política, de tal modo que a noção de respeito está no coração desta sua reflexão: fazer-se respeitar e respeitar o outro é a máxima que subjaz a este seu discurso. Para Martinho o rei ao ser virtuoso e ao agir em conformidade com os princípios reconhecidos para agir retamente, é um *vir optimus*, é um *curator*, ou seja, um homem de bem e um chefe temporal excelente. Este desiderato estende-se á corte, pelo que quando se refere a esta obra diz o seguinte: “Compu-lo não especialmente para tua instrução, pois já possuis a sagacidade da sabedoria natural, mas sim de uma maneira geral para aqueles que te servem mais proximamente, aos quais pode ser útil ler, entender e reter estes preceitos” (Martinho de Dume 1998: 29). Encontramo-nos perante um tratado de sabedoria humana, racional e austera, o qual, como refere, não se apoia, aparentemente, nos preceitos “das Divinas escrituras”, mas na lei natural da razão humana (Martinho de Dume 1998: 29).

Quando refiro “aparentemente” isto significa que São Martinho vai apresentar uma ética fundada nas quatro virtudes cardeais, que a filosofia clássica valorizou, mas tal não significa que se afaste dos princípios cristãos. Encontramo-nos, fundamentalmente, perante uma estratégia de sedimentação da conversão dos Suevos que se tinham recentemente convertido ao Cristianismo, pois é este último que funciona como pré-compreensão de toda a fundamentação moral apresentada no opúsculo. Trata-se, também, de mostrar que a razão, quando bem orientada, tem a possibilidade de se elevar até aos preceitos da lei divina, e isto porque as valorações morais nunca são conhecimento primeiro, ou seja, elas pressupõem sempre uma visão do mundo mais englobante.

A “*Regra da Vida Virtuosa*” apresenta-nos, através de um percurso racional, as quatro virtudes, em que o ideário de contenção, de moderação, de regra da mediania, tão cara aos estoicos, deverá estar presente na conduta de cada um.

A segunda parte da obra é composta pela reflexão acerca das quatro virtudes, em que começa pela prudência, pondo em evidência a procura da verdade, em que apela para o uso da razão como forma de manter a constância nas decisões: “é próprio do homem prudente examinar os conselhos e não se deixar levar por falsidades com fácil credulidade” (Martinho de Dume 1998: 31). Como em todas as virtudes a regra da mediania é fundamental, pois a ética aqui proposta é uma ética acessível a todos e não apenas àqueles a quem chama “os devotos de Deus”, ou seja os eclesiásticos, ou monges, a quem se aplica aquilo que é árduo, difícil de atingir.

Acerca da magnanimidade, que tem também o nome de fortaleza, chama a atenção para o facto de aquele que não hesita na ação é forte e corajoso, dado que se apoia em princípios sabiamente estabelecidos. Ser magnânimo é uma virtude que se aplica a todos que sabem perdoar, mas é a virtude real por excelência. Só o homem que é forte e magnânimo sabe perdoar, e assim vive de um modo tranquilo, sereno. Nesta sua apologia do perdão, de matriz claramente cristã, diz-nos: “o modo virtuoso de vingança é perdoar” (Martinho de Dume 1998: 35).

No que respeita à temperança, aquela que na economia da obra tem menos relevância, dado que esta virtude trata de coisas árduas e perfeitas, necessária para quem quiser encetar uma via ascética. Por isso refere: “passa quanto podes do corpo para o espírito” (Martinho de Dume 1998: 35). O que lhe interessa, no âmbito da regra da mediania, é chamar a atenção para a moderação do comportamento, valorizando o que é da ordem do espiritual em detrimento dos prazeres sensíveis. Moderação no beber, no comer, no rir, no falar: “Não existirá para ti linguagem grosseira mas agradável urbanidade. O teu humor não será mordaz, as tuas graças não serão maliciosas, o teu riso não será gargalhadas, a tua voz não será gritaria, o teu passo não será apressado” (Martinho de Dume 1998: 37). Estes são conselhos que se podem aplicar no quotidiano, tendo em conta o justo meio.

A quarta virtude é a justiça, também central no quotidiano, fundamental para o rei, que a administra. Esta, como refere, tem por base o reconhecimento do vínculo entre a lei divina e a sociedade humana, de tal modo que o homem justo é aquele que imita Deus, que é o modelo da justiça. A justiça é concebida como a grande força para a preservação das sociedades. Ela tem por finalidade a verdade, mas depende da fé e da religião. Se tem por finalidade apurar a verdade, então, deve negar qualquer forma de mentira. Contudo, São Martinho aqui coloca a questão de usar a mentira, em certas condições: “Se alguma vez te vires forçado a usar da mentira, usa-a para proteger a verdade, não a falsidade; se acontecer que a fidelidade que em ti depositam for redimida por uma mentira, não mentirás, antes escusar-te-ás, pois quando uma causa é virtuosa o justo não trai o segredo” (Martinho de Dume 1998: 39). Este calar a verdade é muito interessante, pois chama a atenção para o facto de, por vezes, ser necessário não a expor. Isto prende-se, certamente, com a noção de “segredo de estado”, dado que em certas condições é necessário salvaguarda-lo. Estamos, sem dúvida, perante um “espelho de reis”.

Cada uma destas virtudes deve ser praticada sem excessos, ou seja, tendo em conta o justo meio, a regra da mediania, que se for seguida em todas as suas vertentes possibilitará que o homem seja perfeito. A ética de São Martinho é uma ética acessível a todo o homem, que siga os preceitos enunciados (Martinho de Dume 1998: 41).

A breve conclusão vai exatamente nesse sentido, a regra da mediania, a tolerância, o respeito: “tendo em conta o tempo, o lugar, as pessoas e as causas da mediania” (Martinho de Dume 1998: 43).

## Conclusão

A fim de concluir a análise desta obra, convém sublinhar que nela se dão conselhos práticos, de ordem moral que, como refere Pio G. Alves de Sousa: “O modo de explanação de cada uma das virtudes tem um carácter sentencioso” (Sousa 2001: 113)<sup>2</sup>. Com efeito, os conselhos práticos permitem a cada homem (a qualquer homem) encontrar a partir de si mesmo, na sua força interior, as razões para agir retamente. Mas São Martinho também nos apresenta, ainda que de um modo menos direto, os princípios éticos que devem orientar a ação do rei, se quiser governar com sabedoria, ou seja, de um modo prudente, magnânimo, temperante e justo.

## Bibliografia

- SÃO MARTINHO DE DUME. Opúsculos morais. Introdução. e tradução de Maria de Lourdes Sirgado Ganho, Luis Manuel Ventura Bernardo, Alcino Batista Ferreira, Ricardo Jorge Guerreiro de Sousa. Lisboa: INCM, 1998.
- MATOSO, José. São Martinho de Dume e as correntes monásticas da sua época. In: *No XIV Centenário de São Martinho de Dume*. Lisboa: Academia Portuguesa de História, 1982.
- BARLOW, Claude. *Iberian Fathers. Martin of Braga, Paschasius of Dumium, Leander of Seville*, vol. I. Washington: The Catholic University of America Press, 1969.
- BARLOW, Claude. *Martini episcopi bracarenensis opera Omnia*. New Haven: Yale University Press, 1950.
- SOUSA, Pio G. Alves de. *Patrologia Galaico-Lusitana*. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2001.

---

## NOTAS

<sup>1</sup> Texto latino estabelecido por Claude Barlow (1950).

<sup>2</sup> Nesta obra a bibliografia de e sobre São Martinho de Dume é exaustiva, aspeto muito relevante para os estudos martinianos.